



Uma jornada sapiens-demens a partir de vários olhares

A sapiens-demens journey from various perspectives

 **Cleide Rita Silvério de Almeida**

Doutora em Educação

Universidade Nove de Julho – Uninove

São Paulo, SP – Brasil

 **Alexandre Mesquita**

Mestrando em Educação

Universidade Nove de Julho – Uninove

São Paulo, SP – Brasil

 **José Humberto de Rezende**

Doutorando em Educação

Universidade Nove de Julho – Uninove

São Paulo, SP – Brasil

Resumo: Este artigo, de natureza teórica, aborda a condição humana a partir de uma constelação de ideias, tendo como questão central o pensamento complexo, o qual considera que o homo sapiens não se esgota nele mesmo, por ser também demens, diverso e multifacetado. Estabelece aproximações com a literatura, arte, poesia, estética, filosofia, educação, antropologia e sociologia, em uma abordagem multidimensional e caleidoscópica. Essa perspectiva reconhece a interconexão e a interdependência desses saberes, formando um todo organizado que privilegia o contexto em que está inserido. As contribuições dos diversos pensadores atravessam fronteiras estritamente formais e lineares, alimentando uma dialógica de elementos diversos que se complementam. O caráter teórico da pesquisa permite concluir que, ao beber em várias fontes, ampliamos a visão de quem somos e do mundo em que estamos.

Palavras chave: abordagem caleidoscópica; condição humana; esfera simbólica; homo sapiens-demens.

Abstract: This theoretical article approaches the human condition, based on a constellation of ideas, having complex thinking as its central issue, considering that homo sapiens is not exhausted in itself, as it is also demens, diverse and multifaceted. It establishes approximations with literature, art, poetry, aesthetics, philosophy, education, anthropology and sociology, in a multidimensional and kaleidoscopic approach. This perspective recognizes the interconnection and interdependence of this knowledge, forming an organized whole that privileges the context in which it is inserted. The contributions of the various thinkers cross strictly formal and linear boundaries, feeding a dialogue of diverse elements, which complement each other. The theoretical nature of the research allows us to conclude that by drinking from various sources, we broaden the view of who we are and the world we are in.

Keywords: kaleidoscopic approach; human condition; symbolic sphere; homo sapiens-demens.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de; MESQUITA, Alexandre; REZENDE, José Humberto de. Uma jornada *sapiens-demens* a partir de vários olhares. *Dialogia*, São Paulo, n. 51, p. 1-16, e26913, set./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/51.2024.26913>

American Psychological Association (APA)

Almeida, C. R. S. de, Mesquita, A., & Rezende, J. H. de. (2024, ago./dez.). Uma jornada *sapiens-demens* a partir de vários olhares. *Dialogia*, São Paulo, 51, p. 1-16, e26913. <https://doi.org/10.5585/51.2024.26913>

Introdução

Este artigo é fruto do curso “Seminário Temático: uma jornada *sapiens-demens*”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Educação, Filosofia e Formação Humana, da Universidade Nove de Julho, na capital paulista. Partindo do pensamento de Edgar Morin, a proposta foi estabelecer de que forma ele poderia dialogar com outros autores, contemporâneos ou não, que apresentam e/ou apresentaram ideias instigantes para fomentar o debate sobre o momento em que vivemos e atuamos enquanto educadores, suas perspectivas e o impacto que causam. A constelação de pensadores tratados, que trouxeram análises e reflexões sobre os desafios que se apresentam e chamam nossa atenção para fatos e ideias importantes, também tem o sentido de um tributo àqueles que contribuíram e contribuem com o processo de formação do sujeito histórico-social.

A condição humana, essa intersecção de racionalidade e emoção, inteligência e intuição, é um tema desafiador para a filosofia e as ciências sociais. Ao longo dos séculos, inúmeros pensadores e artistas têm se debruçado sobre a questão fundamental de quem somos como seres humanos e como navegamos por este complexo mundo. Nesse contexto, a visão de Edgar Morin sobre a condição humana emerge como uma lente de compreensão que vai “[...] além do mundo físico e vivo. É neste “além” que tem lugar a plenitude da humanidade.” (Morin, 2000, p. 51, *grifo do autor*)

As grandes indagações relativas ao ser humano estão expressas de diferentes maneiras, seja nas dimensões relacionadas a atividades produtivas e questões político-sociais, seja nas temáticas culturais. Carlos Drummond de Andrade (1977, p. 205-209.), de maneira poética, recorre ao simbólico para sensibilizar o pensar sobre o tema no poema *Especulações em torno da palavra homem*: “Mas que coisa é homem que há sob o nome: uma geografia? um ser metafísico? uma fábula sem signo que a desmonte? Como pode o homem sentir-se a si mesmo, quando o mundo some? Como vai o homem junto de outro homem, sem perder o nome? [...]”

Edgar Morin (2012), ao longo de suas obras, expressa suas preocupações e pensamentos a respeito do ser humano. A problematização está presente em *O Método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana* (2012) – perpassando por todas as suas produções –, conforme cita à página 19, ao responder à pergunta: “Por que me entreguei a este livro?”:

A obsessão principal da minha obra diz respeito à condição humana. Escrevi *O homem e a morte* de 1948 a 1951, “Fragmentos para uma antropologia”, em *Arguments* (1960). *Le vif du sujet*, em 1963-1964. *O paradigma perdido*, em 1972; na realidade, o primeiro (1977) e o segundo (1981) tomos de *O Método* atrelam a interrogação do humano à do mundo físico e do mundo vivo. O terceiro e o quarto, que tratam das possibilidades e dos limites do nosso conhecimento, ligam antropologia e epistemologia, que, para mim, se remetem uma à outra. Enfim, tratei dos problemas e do destino da humanidade, em nossa era planetária, em *Introdução a uma política do homem* (1965, 1969), *Para sair do século XX* (1981), *Terra Pátria* (1993). (Morin, 2012, p. 19)

A resposta instigante do filósofo é resultado da compreensão de complexidade como o que não pode se resumir a uma lei, a uma ideia simples. O complexo remete à condição humana não só em suas múltiplas dimensões, como também em suas múltiplas referências, e para compreendê-las não bastam ciências desligadas umas das outras, ainda que aprofundem estudos especializados sobre aspectos importantes do humano. Também não é suficiente a reflexão filosófica que se fecha em si mesma sem dialogar com as ciências e com os saberes que advêm da literatura, da poesia e das artes. Como já anunciou Drumond no poema citado acima, a partir dos vários questionamentos que ele traz em seus versos:

[...] Como se faz um homem? [...] Quanto vale o homem? [...] Por que morre o homem?
[...] Indaga outro homem? [...] Por que vive o homem? [...] Por que mente o homem?
[...] Por que chora o homem? [...] Mas que dor é homem? [...] Para que serve o homem?
[...] Que milagre é o homem? [...] Mas existe o homem? [...] (Andrade, 1977, p. 205-209)

Essas indagações destacam que a separação entre a cultura científica e a cultura das humanidades suscitam sérias consequências para ambas. Na primeira, têm-se admiráveis e geniais descobertas e teorias, “mas não uma reflexão sobre o destino humano e sobre o futuro da própria ciência. A cultura das humanidades tende a se tornar um moinho despossuído do grão das conquistas científicas sobre o mundo e sobre a vida, que deveria alimentar suas grandes interrogações” (Morin, 2018, p. 17-18).

Diante desse contexto, necessário se faz um pensamento que tende a religar e organizar os componentes biológicos, culturais, sociais e individuais da complexidade humana e injetar as contribuições científicas na reflexão filosófica centrada no ser humano. Um pensar que conduz à integração dos saberes e sob o qual os conhecimentos devem ser articulados segundo o princípio hologramático, que se refere à participação das partes em um todo e, ao mesmo tempo, do papel do todo na caracterização das partes.

Segundo a percepção de Morin, uma totalidade não se resume à simples soma das partes, mas a um conjunto que envolve partes, relações das partes entre si nesse todo, relações das partes com esse todo e relações desse todo com essas partes. Gregório de Matos, poeta baiano do século XVII, anteviu o princípio hologramático no poema *Ao braço do mesmo menino Jesus quando aparecer*:

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo [...] (Matos, 1990, p. 307)

Em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, Morin afirma sua visão sistêmica, operadora da complexidade:

O humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária. É super e hipervivente: desenvolveu de modo surpreendente as potencialidades da vida. Exprime de maneira hipertrofiada as qualidades egocêntricas e altruístas do indivíduo, alcança paroxismos de vida em êxtases e na embriaguez, ferve de ardores orgiásticos e orgásmicos, e é nesta hipervitalidade que o *Homo sapiens* é também *Homo demens*.
O homem é, portanto, um ser plenamente biológico, mas, se não dispusesse plenamente da cultura, seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição. (Morin, 2000, p. 52)

Ao afirmar que na hiperatividade o “*Homo sapiens* é também *Homo demens*”, Morin oferece uma perspectiva rica e multifacetada dessa condição, desafiando-nos a explorar a diversidade e complexidade da nossa experiência. No *sapiens*, ele concebe o ser racional, da técnica, da ciência, da lógica e do conhecimento; no *demens*, tem-se o ser que carrega em si um lado de loucura, ilusão, confusão, por isso tudo sujeito ao erro e a produzir a desordem.

Com o *Homo sapiens-demens* Morin nos convida a abandonar visões simplistas e abraçar uma abordagem caleidoscópica que reconhece a interconexão de todos os elementos que constituem a existência. Essa compreensão está diretamente ligada à nossa natureza de *Homo complexus* (*sapiens-demens-ludens-mythologicus-poeticus*), que não é um ser apenas biológico, mas também cultural.

Essa perspectiva se torna ainda mais evidente na medida em que exploramos obras de autores e artistas que, de maneiras distintas, ecoam a complexidade da condição humana: Ailton Krenak e sua defesa dos direitos indígenas, Steve Cutts e sua sátira sobre a sociedade de consumo são alguns dos pensadores e criadores – objeto de análise neste artigo – que ampliam nossa compreensão da diversidade e da riqueza inerentes ao *sapiens-demens*.

Além disso, ao relacionar a visão de Morin com a esfera simbólica do filósofo e educador Antônio Joaquim Severino, abrimos espaço para examinar como essa perspectiva pode ser aplicada na educação, um campo essencial para a formação das próximas gerações de cidadãos. Severino (2002) aponta que a Filosofia tem o papel de nos ajudar a buscar um sentido para a sua razão de ser. Sentido que resulta do desenvolvimento das sensibilidades – epistêmicas, estéticas, éticas, dentre outras – e nos permite explorar as interseções e complementaridades entre a visão de Morin, as obras de diversos autores e artistas e a esfera simbólica referenciada pelo filósofo brasileiro. Essa

concepção metodológica estimula uma jornada *sapiens-demens* à luz de uma visão múltipla, buscando refletir sobre a complexidade da condição humana e sua forma de ser e estar no mundo.

1 O ser humano é complexo e exige uma abordagem caleidoscópica

Ao discorrer sobre a natureza do *Homo complexus*, Morin nos convida a explorar nossa complexidade em toda a sua riqueza, tendo em vista que “a realidade humana é o produto de uma simbiose entre o racional e o vivido.” (2012, p. 121) Somos seres dotados de emoções, intuição, espiritualidade, criatividade, relações sociais e uma incrível diversidade de experiências e, com isso, somos desafiados a abandonar visões unidimensionais e simplistas.

Para compreender a riqueza da nossa experiência, faz-se necessário adotar uma abordagem caleidoscópica; pois assim, como o aparelho óptico que revela padrões e cores em constante mudança, nossa condição se desdobra em uma miríade de perspectivas, experiências e dimensões. Essa abordagem reconhece a interconexão e a interdependência de todos esses elementos, formando um todo complexo. Morin (2000, p. 47) corrobora essa condição, compreendendo que “conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele”.

Ao adotar essa visão, somos capazes de apreciar os contrastes da condição dialógica da nossa humanidade. Isso não apenas enriquece a compreensão sobre nossa experiência, como também tem implicações profundas em áreas como educação, arte, cultura e sociedade. A contribuição de alguns artistas e autores que transcendem as fronteiras do *Homo sapiens*, buscando abraçar nossa humanidade por completo, robustece essa visão desafiadora e reveladora diante da realidade.

Ailton Krenak é um desses exemplos. Líder indígena, escritor e pensador brasileiro, tornou-se conhecido por seu ativismo em prol dos direitos dos povos indígenas. Sua obra *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) destaca a importância da preservação ambiental e da valorização das culturas indígenas, configurando-se como voz crítica e visionária em questões ambientais e sociais. Em entrevista ao site Publico.pt, em julho de 2023, Krenak afirmou que “todos vamos ser refugiados, nós todos. A tal da humanidade vai ser só de refugiados”.

Com essa afirmação, Krenak alerta para a crescente crise ambiental, mudanças climáticas e desastres naturais que afetam cada vez mais a vida das pessoas, em escala mundial. A degradação ambiental e o esgotamento dos recursos naturais são algumas das ações desencadeadas pelo *Homo sapiens-demens* que forçam as populações a se deslocar de suas áreas de origem. Isso também inclui refugiados de conflitos armados e sobreviventes de catástrofes como inundações, secas e incêndios.

Krenak alerta para o fato de que, se a humanidade não agir de maneira significativa para abordar essas questões, todos nós, em algum momento, poderemos enfrentar a realidade de sermos

refugiados em nosso próprio planeta. Ele destaca a necessidade de repensarmos sobre nossas relações com o meio ambiente e a importância de buscarmos soluções sustentáveis para evitar um futuro em que a condição de refugiado seja comum a todos. Esse posicionamento chama a atenção para a necessidade de ações globais e da responsabilidade compartilhada para enfrentar os desafios ambientais e sociais que afetam a humanidade como um todo.

Frédéric Gros é outro pensador que nos leva a refletir sobre a complexidade da condição humana. Filósofo francês contemporâneo, é autor de *Caminhar, uma filosofia* (2021), obra que explora o ato de caminhar como uma prática filosófica que nos conecta com a natureza e nos convoca a pensar sobre nossa existência. Sua relevância reside na valorização da simplicidade e na busca de uma conexão mais profunda com o mundo natural. Em entrevista à coluna Pensar, do site Estado de Minas, em julho de 2023, Gros expressou: “Não sabemos mais viver. Apenas ocupamos e consumimos.” Esse pensamento reflete uma crítica à sociedade contemporânea e ao estilo de vida que muitos de nós adotamos. Evidencia, em muitos aspectos, que perdemos a capacidade de viver plenamente, no sentido de desfrutar de uma vida significativa e autêntica. Permeados pelo obscurantismo, nos envolvemos em ocupações e consumismo desenfreados.

Gros argumenta que a sociedade moderna está tão centrada na busca de objetivos materiais, no trabalho constante e nas preocupações cotidianas que, geralmente, nos sentimos sobrecarregados e alheios ao presente. Estamos ocupados demais para desacelerar, refletir e apreciar o momento. Ele avalia que a cultura de consumo desenfreado, vazada na ânsia por bens materiais e experiências superficiais, substitui a procura por significados e realizações. Na análise de Gros, muitas vezes consumimos compulsivamente e acabamos nos sentindo vazios. A perspectiva desse autor nos convida a repensar como vivemos, sugerindo a importância de uma vida equilibrada em que a busca por significados seja priorizada e venha a substituir o ocupar e consumir que a modernidade nos impõe.

Esse ponto de vista dialoga tanto com as ideias de Krenak quanto com a obra do ilustrador e animador britânico Steve Cutts, conhecido por suas sátiras sociais e críticas à sociedade de consumo. Suas animações e ilustrações destacam as contradições e os excessos do mundo contemporâneo, questionando o impacto da cultura de consumo em nossa vida. Em seu curta-metragem intitulado *Man*, Cutts apresenta uma crítica social e uma reflexão sobre a sociedade moderna. O filme se notabiliza pelo estilo visual e mensagens impactantes sobre consumismo desenfreado, alienação, degradação ambiental, vício em tecnologia, conformidade social e crítica à sociedade de consumo. O objetivo é provocar reflexão sobre as escolhas que fazemos e as consequências de nosso comportamento em relação a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.

Na linha de pensadores críticos, trazemos uma educadora do século XIX pouco divulgada: Nísia Floresta. Queremos dar visibilidade a essa escritora brasileira que atuou no âmbito social-político em benefício da luta pelo papel da mulher na sociedade e pela emancipação feminina. Sua obra “Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens” foi pioneira na defesa dos direitos femininos e na promoção da igualdade de gênero, destacando-se a importância atribuída à educação para a emancipação desse público. Nísia defendia a educação como libertação de todas as pessoas. Compreendia o acesso à educação formal e à cultura como essencial para que as mulheres pudessem se tornar cidadãs plenas e participar ativamente na sociedade, usufruindo dos mesmos direitos e oportunidades que os homens. Trouxe a visão da desigualdade de gênero como uma injustiça social que precisava ser combatida. Deixou um legado importante na história da educação e do feminismo no Brasil.

A exemplo de Nísia, Darcy Ribeiro foi também um brasileiro com energia utópica. Antropólogo, escritor e político, em sua obra “*O Povo Brasileiro*” (1995) ele oferece uma análise profunda da diversidade cultural e étnica do Brasil, explorando a riqueza da condição humana no contexto brasileiro e latino-americano. Sua vida foi dedicada à defesa da cultura indígena, destacando-se como pioneiro na valorização das comunidades tradicionais. Em nome dessa utopia – compreendida como horizonte ainda não alcançado, mas que nos impulsiona a caminhar –, Darcy pesquisou e vivenciou o dia a dia de inúmeras tribos pertencentes aos povos originários do Brasil. Além de suas importantes contribuições acadêmicas, Darcy foi um incansável defensor da educação pública e gratuita, deixando um legado inspirador para gerações de brasileiros na construção de uma sociedade justa e inclusiva.

Na educação, a poesia se revela como um horizonte que se amplia diante de nós, ressignificando cada palavra e gesto. Aproximando-nos de Manoel de Barros, compreendemos essa experiência e somos convidados a enxergar além do prosaico, a contemplar a delicadeza que habita nas entrelinhas da existência. Renomado poeta brasileiro, sua poesia inovadora e experimental reflete a sensibilidade humana em relação à natureza e à linguagem, desafiando as convenções literárias. Barros introduziu uma linguagem poética altamente pessoal e única, repleta de imagens vívidas e de uma conexão profunda com a simplicidade da vida cotidiana. O poema “Bernardo é quase árvore” reflete o seu legado eterno de palavras que ecoam e se imortalizam no coração de quem se rende ao encanto de sua poesia:

Bernardo é quase árvore.
 Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
 de longe.
 E vêm pousar em seu ombro.
 Seu olho renova as tardes.
 Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho:
 1 abridor de amanhecer
 1 prego que farfalha
 1 encolhedor de rios — e
 1 esticador de horizontes.
 (Bernardo consegue esticar o horizonte usando três
 fios de teias de aranha. A coisa fica bem
 esticada.)
 Bernardo desregula a natureza:
 Seu olho aumenta o poente.
 (Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
 incompletude?) (Barros, 1994, p. 99)

Nesse poema, Manoel de Barros mostra um novo jeito de colocar as palavras e operar a conexão com a natureza, que são características de sua poesia. Ele é capaz de desver o mundo ao tornar-se quase árvore, desregular a natureza convencional e enxergar sua beleza e complexidade, que muitas vezes passa despercebida.

Tal como Manoel de Barros, Mia Couto é um esticador de horizontes do conhecimento, com vistas a dar voz e visibilidade aos excluídos e às histórias que podem ser negligenciadas na sociedade (2009). Escritor moçambicano, ele é conhecido por suas obras que exploram a complexa relação entre humanidade e natureza em contextos pós-coloniais. Suas narrativas revelam as complexidades da experiência humana em um contexto africano. As obras de Couto são influenciadas pela realidade sócio-histórica de Moçambique, incluindo o período colonial, a guerra de independência e os desafios pós-independência. Suas obras exploram com frequência o impacto da colonização e da decolonização nas pessoas e nas comunidades. Como reflexo de seu interesse pela preservação da identidade cultural moçambicana e recuperação das tradições locais após a independência de Moçambique, Couto cria neologismos, joga com a linguagem e incorpora elementos de línguas africanas em sua escrita. Além do trabalho literário, Mia Couto é também conhecido por seu engajamento social e ambiental. Ele é ativista em questões relacionadas à preservação do meio ambiente e à justiça social. Suas histórias têm ressonância global e oferecem perspectivas valiosas sobre a complexidade da experiência humana e a resiliência das culturas africanas.

A escritora Carolina Maria de Jesus une-se ao coro daqueles que trazem as vozes dos silenciados, em busca de justiça social para todos e, em especial, para as mulheres brasileiras. “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (2019) é a obra com a qual ofereceu ao mundo uma visão cruel, porém poderosa, da vida em uma favela brasileira na década de 1960. O livro ganhou reconhecimento nacional e internacional, sendo traduzido para várias línguas. Com uma escrita

direta e sincera, Carolina documenta a dura realidade da pobreza e das condições de vida precárias enfrentadas por ela e sua família. A narrativa expõe a luta da *ninguendade*¹ em meio à adversidade; revela um cotidiano permeado pela desigualdade, fome, miséria e pelo descaso das políticas públicas e do governo para com os invisíveis sociais. Carolina foi uma das primeiras escritoras a dar visibilidade às pessoas marginalizadas, excluídas e desfavorecidas no País, enfatizando a conscientização sobre questões sociais e raciais das camadas mais marginalizadas da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, uma das metas explicitada neste estudo, permeado pela visão caleidoscópica, é o esforço de perceber o estado banal, trivial, que cobre parte de nossa vida cotidiana. Uma constelação de artistas como Ai Weiwei, Vik Muniz, Lina Bo Bardi e Arthur Bispo do Rosário também nos desafiam a reexaminar o mundo com olhos inquietos e curiosos. Ao reinterpretar a realidade, eles revelam a singularidade de suas visões, ampliando nossos horizontes e instigando nossa reflexão. Com eles, cores, formas e texturas se entrelaçam em um tecido criativo, oferecendo-nos um encadeamento único de significados e sentimentos.

Ai Weiwei é um artista chinês contemporâneo, ativista político e crítico social conhecido por suas obras de arte e ativismo político. Sua arte critica o autoritarismo e a repressão, destacando a luta pela liberdade e pelos direitos humanos em um contexto político complexo. O artista é conhecido por uma variedade de obras de arte, incluindo esculturas, instalações, fotografia e arte conceitual. Em seus trabalhos, Ai Weiwei frequentemente critica o governo chinês, os abusos dos direitos humanos e a censura. Ele usa sua influência e presença nas redes sociais para expressar suas opiniões e levantar questões sobre direitos humanos e liberdades individuais. O documentário “Human Flow” é um exemplo das preocupações do artista. Nele, problematiza um expressivo retrato da crise de refugiados global.

Vik Muniz é um artista brasileiro que usa materiais incomuns, como lixo e alimentos, para criar obras de arte. Sua abordagem inovadora destaca a criatividade e a capacidade de transformar objetos cotidianos em obras de arte. Ele é amplamente reconhecido por suas obras, que frequentemente envolvem materiais inusitados como chocolate, açúcar, lixo, brinquedos e outros objetos do cotidiano. Sua marca registrada tem com eixo propulsor a técnica de recriar imagens icônicas de obras de arte e fotografias famosas usando materiais não convencionais. Nesse contexto, Muniz criou réplicas de pinturas de artistas renomados, como Vincent Van Gogh e Leonardo da Vinci, utilizando chocolate derretido. Também dirigiu o documentário “Lixo

¹ *Ninguendade*: O termo é usado por Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil* (Ribeiro, 1995) para explicar como a identidade nacional se forma a partir da miscigenação entre diferentes etnias, constituídas de gentes que se misturam entre nativos – que por séculos viveram sem consciência de si –, africanos, imigrantes europeus e asiáticos. Com a nova identidade, os ninguéns, que somos todos nós, se redescobrem em sua brasilidade pela educação e cultura.

Extraordinário”, em 2010, que trata de seu projeto em um aterro sanitário no Brasil onde trabalhou com catadores de materiais recicláveis para criar obras de arte a partir de lixo. Ele usa sua arte para destacar a desigualdade, a pobreza, a reciclagem e o poder da criatividade como força transformadora. Sua criatividade e seu compromisso com a arte como uma forma de comunicação e mudança social o tornou figura influente no cenário artístico contemporâneo.

Lina Bo Bardi foi uma arquiteta italiana que se tornou uma das figuras mais influentes da arquitetura moderna do Brasil. Suas obras arquitetônicas refletem a fusão entre *design* e cultura, contribuindo para a construção de uma identidade brasileira na arquitetura. Ela foi a responsável pelo projeto arquitetônico do MASP, um dos ícones da arquitetura brasileira. O edifício é notável por seu design inovador, que consiste em uma estrutura de vidro e concreto sustentada por enormes pilares vermelhos. Em seus trabalhos, Lina enfatiza a importância da simplicidade, funcionalidade e sustentabilidade. Além de sua produção arquitetônica e artística, ela foi ativa no campo dos direitos civis e no ativismo social. Consciente da importância da acessibilidade e da igualdade, defendeu o uso de espaços públicos para a comunidade. Seu legado perdura como um exemplo de como a arquitetura pode se integrar harmoniosamente na paisagem e na cultura de um país.

Arthur Bispo do Rosário, por sua vez, foi um artista brasileiro que criou uma obra significativa dentro de um hospital psiquiátrico. Suas produções destacam a criatividade e a expressão artística como parte intrínseca da condição humana, independente das circunstâncias. Conhecido por seu trabalho singular, que mistura elementos de arte contemporânea, arte bruta e religiosidade, suas obras exploram temas complexos e espirituais. Sua trajetória de vida e sua criação artística são frequentemente vistas como um exemplo do poder da expressão artística como meio de lidar com experiências pessoais e traumas. Bispo do Rosário nasceu em 1909 em Japaratuba, no Estado de Sergipe, Brasil. Ele era marinheiro e trabalhou em vários ofícios antes de ser internado, em 1938, em uma instituição psiquiátrica conhecida como Hospital Pedro II, no Rio de Janeiro, após sofrer um colapso mental. Enquanto estava internado ele criou uma ampla gama de objetos e instalações artísticas, que incluem bordados, assemblagens, esculturas e escrita. Ele afirmava que estava cumprindo uma missão divina e que suas obras eram uma expressão de sua fé e devoção. Muitas de suas criações foram ricamente decoradas e cheias de símbolos e inscrições. Por meio delas, ele acreditava que estava fazendo um recenseamento de todos os seres humanos para o Juízo Final. Sua obra só foi reconhecida na década de 1980, por críticos de arte e colecionadores.

Simbólica e expressiva, tal como a arte de Bispo do Rosário, a 35ª Bienal de São Paulo, com o tema “Coreografias do Impossível”, proporcionou ao visitante, de 6 setembro a 10 de dezembro de 2023, a oportunidade ímpar de vivenciar a jornada *sapiens-demens* proposta neste artigo. Uma

viagem caleidoscópica no Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque do Ibirapuera, zona sul da cidade de São Paulo, trouxe à tona novas perspectivas sobre o mundo a partir das urgências dos tempos atuais, como questões fundamentais relacionadas à liberdade, justiça e igualdade.

A arte tem o poder de desafiar preconceitos, abrir diálogos e inspirar a mudança social. Nesse sentido, a exposição buscou expandir nossas perspectivas e nos lembrar que a realização de um mundo mais justo e igualitário é uma meta que vale a pena perseguir, mesmo que, às vezes, pareça impossível. A inclusão do restaurante Ocupação Nove de Julho é um exemplo inspirador de como a arte e a cultura podem se conectar com movimentos sociais e questões da vida real. A história por trás do restaurante, ligada ao Movimento dos Sem Teto do Centro (MSTC), ressalta a luta por moradia, igualdade e justiça que muitas pessoas enfrentam em metrópoles como São Paulo e em todo o mundo. Evidencia como a arte e a cultura podem ser ferramentas para conscientizar, mobilizar e dar visibilidade a essas questões fundamentais.

Eventos como a Bienal de São Paulo e iniciativas como o restaurante Ocupação Nove de Julho despertam o “estado poético” (Morin, 1998, p. 36) que nos sensibiliza à reflexão e ação sobre questões sociais. Com aproximadamente 1.100 obras de arte de diferentes linguagens, a exposição ofereceu perspectivas únicas sobre a complexidade da condição humana, explorando questões que vão desde a igualdade de gênero até o impacto da sociedade de consumo e da criatividade em situações adversas.

As obras dos 121 artistas participantes são relevantes para uma compreensão mais profunda da riqueza e diversidade da experiência humana em diferentes contextos culturais e sociais. Elas representam a certeza de que o *Homo sapiens-demens* habita a terra, “simultaneamente, poética e prosaicamente. Se não houvesse prosa, não haveria poesia, do mesmo modo que a poesia só poderia evidenciar-se em relação ao prosaico. Em nossas vidas, convivemos com essa dupla existência, essa dupla polaridade” (Morin, 1998, p. 36).

2 A esfera simbólica e sua relevância para a educação e a reflexão sobre a condição humana

Antônio Joaquim Severino, conhecido por sua atuação nos campos da filosofia e da educação, concebe a existência humana integrada pelas práticas produtiva, social e simbólica. São três dimensões que se articulam entre si e instauram uma interconexão ao ponto do desenvolvimento de cada uma repercutir sobre as demais.

A esfera produtiva fornece a base de manutenção da existência material por intermédio das relações de troca entre homem e natureza e se concretiza pelo trabalho. De acordo com Severino (2014, p. 26, *grifo do autor*):

Essa ação humana sobre a natureza, capaz de transformá-la, viabilizada pela impregnação por parte de uma intenção subjetivada, é a base da *práxis* dos homens. É uma prática produtiva, o *trabalho*. É ela que garante aos homens o alimento e demais elementos de que eles precisam para manter sua existência material. Essa é a esfera da vida econômica, o âmbito da produção, efetivada pelos homens pela mediação do trabalho.

A esfera social lida com as relações sociais e a interação com outros seres humanos. Inclui aspectos como relacionamentos, interações sociais, instituições sociais e a forma como as pessoas se relacionam em sociedade. Severino (2006, p. 290) compreende que:

O existir histórico dos homens realiza-se objetivamente nas circunstâncias dadas pelo mundo material (a natureza física) e pelo mundo social (a sociedade e a cultura) como referências externas de sua vida. No entanto, essa condição objetiva de seu existir concreto está intimamente articulada à vivência subjetiva, esfera constituída de diferentes e complexas expressões de seus sentimentos, sensibilidades, consciência, memória, imaginação. Esses processos põem em cena a intervenção subjetiva dos homens no fluxo de suas práticas reais, marcando-as intensamente.

A esfera simbólica, referenciada neste artigo, concerne ao universo de significados, valores, crenças e símbolos que permeiam a experiência humana e desempenham um papel fundamental na formação de identidades individuais e coletivas, na ética, na estética, na compreensão de diferentes culturas e na reflexão sobre a condição humana. Essa esfera desempenha papel crucial na formação da identidade dos indivíduos, influenciando a maneira como percebemos a nós mesmos, aos outros e ao mundo a nosso redor.

A perspectiva de Edgar Morin, que enfatiza a complexidade da condição humana, se alinha com a esfera simbólica de Severino. Morin destaca a interconexão de todos os elementos da existência humana e a necessidade de abordagens que se integram e dialogam. O simbólico é uma manifestação dessa complexidade, pois envolve a interligação de significados e narrativas que formam a base da experiência humana. Ambos os pensadores reconhecem que a condição humana vai além do estritamente racional e que a diversidade de perspectivas e valores desempenha um papel fundamental em nossa compreensão do mundo.

Essa esfera pode ser vista como uma ferramenta representativa que permite aos educadores e pesquisadores compreenderem a complexidade da educação e da condição humana. Ela oferece uma lente para explorar as maneiras pelas quais os símbolos e significados moldam nossa compreensão do mundo e como a diversidade de perspectivas enriquece a experiência humana. Na perspectiva da prática simbolizadora, o homem desenvolve em sua subjetividade uma representação das condições para existir no mundo que colabora para a criação de conceitos e valores, reafirmando esses papéis. Segundo Severino, “nós nos formamos quando nós nos damos

conta do sentido de nossa existência, quando tomamos consciência do que viemos fazer no planeta, do porque vivemos” (Severino, 2002, p.185).

Assim, tudo aquilo que é vivenciado nas esferas produtiva e social é representado no plano subjetivo, trazendo um significado e uma validação do que acontece social e economicamente na sociedade. Dessa forma, o homem desenvolve em sua subjetividade uma representação de condições para existir no mundo.

As práticas propostas por Severino e a concepção de mundo presente em Morin se complementam, fornecendo uma base sólida para a compreensão da complexidade da condição humana. Ao considerarmos as ideias e perspectivas de Morin, as obras dos autores e artistas mencionados neste estudo e as esferas da existência humana de Severino, constituídas das três práticas acima mencionadas, percebemos que elas se interconectam e se complementam de modo a oferecer uma visão rica e ampla sobre o *Homo sapiens-demens*.

As obras de Ailton Krenak, explorando a diversidade cultural e étnica e a abordagem de Mía Couto da complexa relação entre humanidade e natureza em contextos pós-coloniais ampliam nossa compreensão sobre a riqueza da experiência humana em ambientes culturais diversos. Na sátira de Steve Cutts e nas reflexões de Frédéric Gross sobre a sociedade de consumo, percebemos as preocupações de Morin sobre os excessos e contradições da modernidade e como essa cultura afeta nossa visão do mundo e identidade.

Na luta de Nísia Floresta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero ecoa a ênfase de Morin sobre a diversidade e a valorização humana. No diálogo entre os ideais da educadora e escritora feminista e as proposições do filósofo e educador Severino podemos detectar o quanto as narrativas culturais e os símbolos moldam a identidade de gênero e influenciam a igualdade.

Ressaltar e respeitar a diversidade cultural é notório na vida e na obra de Darcy Ribeiro, que se conecta à compreensão de Morin de que a diversidade é parte intrínseca da condição humana. Manoel de Barros e Arthur Bispo do Rosário são também exemplos que enfatizam em suas obras de arte a criatividade e a expressão como componentes essenciais para o humano. Seus trabalhos desafiam as convenções estéticas consagradas e destacam a beleza da simplicidade, conceitos que podem ser explorados nas práticas referenciadas por Severino e na visão complexa de Morin.

No âmbito do ativismo e dos direitos humanos, Ai Weiwei, Vik Muniz e Carolina Maria de Jesus são figuras que se destacam por fazer da luta por liberdade, justiça e dignidade um eixo polarizador de energia utópica. Esses são temas que ressoam com a visão de Morin sobre a complexidade da condição humana e a necessidade de promover valores éticos. Lina Bo Bardi,

arquiteta que incorpora elementos culturais brasileiros em sua obra, por sua vez contribui para a compreensão da influência da cultura na arquitetura e no *design*. Essa conexão com a cultura se alinha à perspectiva de Morin sobre a complexidade da experiência humana e a importância de se considerar as dimensões culturais.

As interseções e complementaridades entre os referenciais adotados neste estudo demonstram, acima de tudo, o jeito de ser e estar do *Homo sapiens-demens* no mundo. Uma condição necessária para que se possa pensar na utopia como um *ainda não* que impulsiona valores éticos e estéticos na busca incessante por uma sociedade igualitária, inclusiva, planetária e responsável pela natureza.

Considerações finais

Finalizamos esta jornada *sapiens-demens* explorando a condição humana por meio de uma constelação de ideias que envolve a ótica de Edgar Morin e as obras de diversos artistas e autores. Destacamos a importância da adoção de uma abordagem caleidoscópica para compreender a riqueza e diversidade da experiência humana multifacetada, que não se encerra em um sentido unívoco.

A mensagem central que emerge das reflexões é a ideia de que o ser humano vai muito além do *Homo sapiens*. Somos seres múltiplos – *sapiens* e *demens* –, alimentados por uma dialógica de elementos heterogêneos, contraditórios, mas, ao mesmo tempo, interdependentes, que estabelecem um circuito de relações entre razão, emoção, espiritualidade, criatividade, mito, magia, loucura, afetividade, imaginário, ilusão ...

A condição humana é um complexo de experiências e perspectivas e essa complexidade é fundamental para uma compreensão de quem somos. Conseguimos, assim, expressar o nosso jeito de ser e estar no mundo. Também percebemos que a estética nos ajuda a refletir sobre a realidade por potencializar em nós a consciência, a empatia e nos fazer enxergar o que habitualmente não vemos. (Morin, 2012)

Em um mundo cada vez mais interconectado e diversificado, adotar uma abordagem caleidoscópica se torna essencial para a compreensão profunda e enriquecedora da condição humana, processada em um conjunto que envolve as partes e o todo e as relações das partes com esse todo e desse todo com as partes. Ela nos permite abraçar a complexidade e a diversidade, enriquecendo a visão de quem somos e do mundo que compartilhamos.

Referências

- ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de; DIAS, Elaine Teresinha Dal Mas. Nísia Floresta: o conhecimento como fonte de emancipação e a formação da cidadania feminina. In: *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, Boyacá, Colombia, v. 13, p. 11-27, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/869/86912384002.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 205-209.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A vida passada a limpo*. In: *Poesia Completa*. Rio: Aguilar, 2002, p. 428/431.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.
- BO BARDI, Lina. Especial - 100 Anos de Lina Bo Bardi. Parte 1. *Fama Museu (Museu São Pedro)*. Itu, SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z2mkutMCx3M>. Acesso em: 12 maio 2024.
- BO BARDI, Lina. Especial - 100 Anos de Lina Bo Bardi. Parte 2. *Fama Museu (Museu São Pedro)*. Itu, SP. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F5MtSwQ_q4o. Acesso em 12 maio 2024.
- BIENAL DE SÃO PAULO, 35^a. Coreografias do impossível. *Fundação Bienal de São Paulo*. São Paulo: 06 set. a 10.dez.2023. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/fundacao-bienal-de-sao-paulo-anuncia-a-abertura-da-35a-bienal-de-sao-paulo-coreografias-do-impossivel/>. Acesso em 20 abr. 2024.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CUTS, Steve. MAN. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WfGMYdalCIU>. 10 abr. 2024.
- FLORESTA, Nísia. *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- GROS, Frédéric. *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- GROS, Frédéric. Entrevista: Não sabemos mais viver. Apenas ocupamos e consumimos. *Estado de Minas, Pensar*. Belo Horizonte, 21 jul. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2023/07/21/interna_pensar,1523044/frederic-gros-nao-sabemos-mais-viver-apenas-ocupamos-e-consumimos.shtml. Acesso em 10 abr. 2024
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Entrevista: Todos vamos ser refugiados, nós todos. A tal da humanidade vai ser só de refugiados. *Público*. Lisboa, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/07/16/mundo/entrevista/ailton-krenak-vamos-refugiados-tal-humanidade-vai-so-refugiados-2056635>. acesso em: 05 maio 2024.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1990.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. *O Método 5: a humanidade da humanidade; a identidade humana*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

MUNIZ, Vik. Lixo extraordinário, Documentário. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JLTY7t8c_x0. Acesso em: 08 abr. 2024.

PENA-VEGA, Alfredo. *Os sete saberes necessários à educação sobre as mudanças climáticas*. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSÁRIO, Arthur Bispo do. Quem foi Arthur Bispo do Rosario – Minidocumentário. *Itaú Cultural*. São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uckwYFET7ck>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SANTOS, Lincoln de Araújo. Ciência, Literatura e Educação: a utopia morena no pensamento social de Darcy Ribeiro. *Revista Brasileira de Educação*, Duque de Caxias, UERJ, v. 28, 2023, p. 1-19. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280038>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27574386031>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia na formação do jovem e a ressignificação de sua experiência existencial. In: KOHAN, Walter. *Ensino de filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Fundamentos ético-políticos da educação no Brasil de hoje. In: LIMA, J.C.F.; NEVES, L.M.W. (Orgs). *Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 289-320.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia no ensino médio*. São Paulo: Cortez, 2014.

WEIWEI, Ai. Human Flow, Documentário. *Youtube*. Disponível em | <https://www.youtube.com/watch?v=VCc2tQkJ03w>. 05 abr. 2024.